



AGRESSIVIDADE INFANTIL NAS ESCOLAS E PSICANÁLISE: um estudo literário narrativo

DOI: 10.22289/2446-922X.V5N1A7

Jaquelina Teixeira Leão **Rocha**¹
Marcelo Matta **Castro**

RESUMO

O objetivo desse artigo é abordar sobre a agressividade da infantil dentro do contexto escolar, utilizando como fundamentos teóricos dentro da psicanálise, dando destaque às teorias de Freud, Lacan e Klein. Tomando como ponto de partida a conceituação de pulsão de vida e morte, pois as mesmas são fundamentais para compreensão dos fundamentos que direcionam a agressividade. Para psicanalíticas toda pessoa é movida por pulsão de vida (eros) e pulsão de morte (thanatos), visto que as mesmas se encontram entre o corpo e o psiquismo. A teoria Lacaniana caminha para o mesmo rumo utilizando como base a linguagem. Neste mesmo ponto, a teoria Kleiniana utiliza as pulsões de vida e pulsões de morte para concretizar sua teoria no desenvolvimento. Diante destas perspectivas, os psicanalistas analisam suas teorias, frente a agressividade nas instituições de ensino, a forma como surgem, discorrendo sobre o papel de pais, professores e profissionais envolvidos com a educação diante destas situações. Apresenta possibilidades de estudo e reflexão a partir da teoria psicanalítica e suas contribuições para o trabalho educativo.

Palavras-chave: Agressividade; Criança; Escola; Psicanálise.

ABSTRACT

The objective of this article is to discuss the aggressiveness of children within the school context, using as theoretical foundations within psychoanalysis, highlighting the theories of Freud, Lacan and Kleini. Taking as a starting point the conceptualization of life and death drives, since they are fundamental for understanding the fundamentals that drive aggressivity. For psychoanalytics, every person is moved by the drive of life (eros) and death drive (thanatos), since they are found between the body and the psyche. Lacanian theory moves in the same direction using language as its basis. In this same point, the Kleinian theory uses the drives of life and death instants to concretize its theory in the development. Given these perspectives, psychoanalysts analyze their theories, in the face of aggressiveness in educational institutions, how they arise, discussing the role of parents, teachers and professionals involved in education in these situations. It presents possibilities for study and reflection based on psychoanalytic theory and its contributions to educational work.

¹ Endereço eletrônico de contato: jaquelina.teixeira@yahoo.com.br

Recebido em 12/09/2018. Aprovado pelo conselho editorial para publicação em 16/11/2018.



Keywords: Aggressiveness; Child; School; Psychoanalysis

1 INTRODUÇÃO

Impulsos agressivos fazem parte do ser humano e são essenciais para sua constituição, como destacam os psicanalistas Winnicott (1929/1987) e Melaine Klein (1970). Para estes autores os fatores que levem a estas reações, bem como o jeito com que ela se manifesta no funcionamento do psiquismo do indivíduo acabam por produzirem um comportamento antissocial que afetará sua vida adulta, eles destacam também que este processo começa no início da vida da pessoa, no seu desenvolvimento infantil (Sousa e Castro, 2008)

A partir do fim do primeiro até o início do segundo ano a criança começa a vivenciar as incompatibilidades de suas pulsões destrutivas, este processo é doloroso e caracterizado por angústia, culpa, tensão e medo. A criança tem grande necessidade de expulsar estas agruras de seu interior, pois se sua capacidade de as tolerar for pequena ele não suportará e a tendência é a de coloca-las para fora de si. Nesta perspectiva, o ambiente passa a ser potencialmente perigoso, devido ao acúmulo de sentimentos fortes e destrutivos criados pela criança (Sousa e Castro, 2008).

Para teoria psicanalítica tanto freudiana como lacaniana, a agressividade está intimamente ligada ao EU e sua fase de construção e afinidade com os objetos a sua volta. Segundo, tais teorias, a agressividade é plausível quando sublimada, uma vez que a mesma conta com o recurso da palavra e sua mediação é simbólica (Lima e Cunha, 2017)

O ambiente é um fator de grande relevância quando se trata da transformação e expressão da agressividade infantil e são destacados por Winnicott. O autor retrata a função imprescindível da mãe no que tange a construção de um ambiente que proporcione com que a criança suporte a culpa e a ansiedade dos processos das pulsões destrutivas. A confiança, tolerância, disponibilidade e devoção fazem com que a criança se sinta emocionalmente segura e a visão da mãe torna-se a da representação da cuidadora confiável, que não só supre as necessidades físicas da criança, como também as emocionais. Se isso não ocorre, a vinculação com a figura materna não é saudável e segura, a criança não conseguira alcançar a maturidade de seu interior, o que o levará a não reconhecer sua própria destrutividade (Sousa e Castro, 2008).

O objetivo desse artigo é abordar sobre a agressividade da infantil dentro do contexto escolar, utilizando como fundamentos teóricos dentro da psicanálise, dando destaque às teorias de Freud, Lacan e Klein. Tomando como ponto de partida a conceituação de pulsão de vida e mo



rte, pois as mesmas são fundamentais para compreensão dos fundamentos que direcionam a agressividade.

Diante de uma sociedade globalizada, na qual os distúrbios de violência são crescentes em seu meio, o estudo se justifica como um amparo teórico quanto as pulsões nervosas iniciadas no período da infância e que se não compreendidas e tratadas pode resultar em adultos antissociais que acarretaram a ela intolerância e violência.

A Psicanálise mostra que o comportamento antissocial acaba por amenizar a angustia sofrida pelas crianças, diminuindo a culpa que elas sentem em causarem ao mundo externo sentimentos ruins. Estas sensações, segundo a teoria Kleiniana, são desenvolvidos a partir de algum trauma sofrido pela pessoa na fase inicial de sua vida e a capacidade que a mesma tem para sustentar a ansiedade e tolerar o sentimento de culpa é que a diferencia de um adulto antissocial (Sousa e Castro, 2008).

2 REFLEXÕES PSICANALÍTICAS

O fator agressividade infantil é uma característica normal no indivíduo, se trata de uma fase transitória e passageira que acomete as crianças no início de suas vidas, mas que se não observada com cautela pode trazer consequências posteriores graves. A acentuação dela se dá pelo fato de os pais não conhecerem ou mesmo negligenciarem o comportamento de seus filhos, por isso vê-se cada vez mais adultos atuando com violência, delinquência entre outras atitudes (Santos, 2008)

Para Psicanálise, as agressividades, são marcadas por pulsões, que tem origem na libido (anseio, desejos, o impulso sexual de um homem ou mulher) que são promotoras da vida ou pulsão da vida e as que quando são indicativos de destrutividade ou agressividade denominam-se pulsão de morte. A teoria freudiana diz que a agressividade vem como uma resposta do sujeito quanto a dor e frustração, sendo assim ela é inerente ao ser humano, pois o mesmo precisa liberar essas sensações, mas quando ela se torna autodestrutiva ela pode liberar condutas que não são aceitáveis na sociedade como a criminalidade (Moura e Barreira, 2017).

Nossa sociedade tem inserido as crianças cada vez mais cedo nas escolas e estas as vezes não estão prontas para isso, muitas vezes elas permanecem período integral nos educandários, tornando-se vigente a figura do educador em suas vidas, diante deste fato é de suma importância para formação da criança que os educadores compreendam seus atos de agressividade como a expressão de seus sentimentos, de falta ou uma questão de defesa das crianças. Estes comportamentos se manifestam no contexto escolar através de chutes, gritos, choro entre outras atitudes que são motivo de preocupação para pais e professores (Moura e Barreira, 2017).



O baixo índice de educação é indicado pela teoria de Winnicott, como fator desencadeante do comportamento agressivo destrutivo. No contexto escolar, este incômodo refere-se a busca, pela criança, por desafios às normas impostas. Neste sentido, a psicologia e a educação tentam compreender as dimensões subjetivas do valor desta conduta como: desafio às normas, baixa atuação escolar, conduta agitada e a desordem no ambiente. Estas afirmações corroboram com as da psicanalista americana Katz (especialista em atendimento de crianças agressivas), quando diz que estas preferem brincadeiras mais agitadas, como consequência da de seus problemas de enquadramento em jogos simbólicos. Ainda sobre o assunto, os especialistas em psicologia infantil Kernberg e Chazam, notaram que há déficits em vários níveis do egóico da criança que apresenta transtorno de conduta, as áreas afetadas são: atenção, controle de impulso, julgamento, modulação do afeto, linguagem e tolerância à frustração e isso contribui para que ocorra um prejuízo quanto ao desempenho escolar do indivíduo (Souza e Castro, 2008; Evangelista e Amaral, 2017)

O ato de limitar e controlar a agressividade infantil deve partir do contexto escolar. Em estudo realizado pela pesquisadora Freller com crianças levadas ao acompanhamento do psicólogo por indisciplina na escola, o que ela percebeu foi que estas buscavam na instituição um refúgio, atenção e cuidado que não tinham em seus lares e que as mesmas não conseguiam ser compreendidas pelos seus educadores. Seus comportamentos dispersos e agitados estavam ligados a uma vida de rupturas precoces que elas sofrem (Souza e Castro, 2008).

De acordo com Souza et al. (1997), as atitudes agressivas das crianças nada mais são do que a exteriorização, no âmbito escolar, de tudo o que é vivenciado em seus lares, que muitas vezes não lhes oferecem afetividade, atenção e principalmente o limite, tão necessário neste período, os autores afirmam que tal comportamento são efeitos das privações emocionais sofridas por elas.

Como a agressividade é vista pelos educadores? Uma grande quantidade de estudos tem enfoque nesta pergunta, demonstrando quais as manifestações compõem as queixas entre esses profissionais, o que lhes traz sofrimento. Os acontecimentos mais relatados pelos professores, notadas nas pesquisas com este público são: as agressões físicas e verbais entre alunos e também as dirigidas aos professores. Os poucos estudos realizados na área não demonstram implicações dos educadores nos conflitos de sala de aula, bem como não há uma avaliação do manejo diante destas situações (Souza e Castro, 2008).

Tanto as teorias de Jacques Lacan quanto as de Sigmund Freud, que estudam a agressividade apontam para a construção do eu e em sua relação com seus objetos, ambos não recusam a sua existência e afirmam que a agressividade é um processo libidinal, e que faz parte da natureza humana. Nesta perspectiva, pode-se dizer que a agressividade é inerente ao ser humano, contudo ela pode ser sublimada, tendo em vista que o indivíduo tem o dom da palavra



como mediadora simbólica de situações que podem caminhar para agressividade (Gagliotto et al., 2012).

Gagliotto et al. (2012) apontam para os atos agressivos que compõe o psiquismo relatando que o mesmo se trata de uma manifestação da pulsão da morte em oposição a pulsão sexual que demandam do indivíduo um certo arranjo entre o seu eu e supereu, pelo qual se passa o círculo pulsional de sua cultura. Desta forma, a tradição de um povo pode reprimir a agressividade e as manifestações sexuais, tanto em função de defesa quanto pensada em termos da fusão pulsional.

Em um segundo momento a teoria freudiana levou a agressividade a ser especificada como pulsão específica e ela passa a ter outro nome, o de impulsos da pulsão da morte, no qual o indivíduo tem a finalidade da destruição. São duas as classes das pulsões, Eros ou sexuais e as agressivas, está última, que tem por função a destruição. Dentro desta teoria as pulsões de vida vêm da auto conservação, ou seja, o indivíduo luta para manter suas necessidades básicas como fome, sede, fuga da dor, preservação da espécie. E como o fim de todos é a morte, ela torna-se algo inerente e inconscientemente desenvolve-se um desejo por ela, sendo assim a agressividade pode ser vista como uma manifestação da morte (Gagliotto et al., 2012).

Para Freud a agressividade é um fator intrínseco do ser humano, e que constitui em uma ameaça a vida em sociedade, pois o meio não consegue aceitar atos de violência e acaba por estabelecer sacrifícios a estes indivíduos que por sua parte não conseguem se adaptar, causando-lhes infelicidade de viver nessa civilização (Gagliotto et al., 2012).

Pietro e Jaeger (2008) relatam que a agressividade infantil pode ser exteriorizada de várias maneiras e em diferentes momentos do seu desenvolvimento. Essas manifestações podem suceder através de gestos e palavras direta ou indiretamente agressivos.

A observação do contexto no qual as crianças estão inseridas é relevante para que se possa compreender situações de agressivas. O ato de brincar costuma auxiliar na detecção de agressividade entre elas. A psicanalista Klein, relata que para a formação do psiquismo é imprescindível que haja agressividade, bem como o prazer e o desprazer. Investigou a vida psíquica infantil através da ludo terapia, ela também definiu a agressividade como algo inato do indivíduo e que não deve ser considerado um distúrbio de comportamento (Gagliotto et al., 2012).

Para constituir-se ato de agressão, não é preciso que este seja feito por ações físicas, a linguagem oral também é considerada um ato agressivo, e está presente tanto nos lares quanto no ambiente escolar. As atitudes agressivas dentro dos educandários têm gerado indisciplina e prejudicado o desenvolvimento do ensino/aprendizagem, pois os educadores têm dificuldades em estabelecer limites e em várias situações eles não se sentem capazes de lidar com estes comportamentos, por não conseguirem compreender tais fenômenos. Eles se sentem perdidos



e não percebem o quanto sua intervenção pode ser significativa na formação do indivíduo (Gagliotto et al., 2012).

Friedmann (1996) destaca que na infância, o sofrimento psíquico terá um impedimento no crescimento mental do indivíduo, sendo assim, a afabilidade e a falta de estímulo podem acarretar em atos agressivos por parte da mesma. Quando se trata da afetividade pode-se mencionar os mais comuns como: o amor, o medo, o ódio, a tensão, a insegurança, a alegria e a tristeza. Para a autora a teoria psicanalítica diz que é possível compreender a agressividade e a violência, porque segundo Freud o desenvolvimento da libido infantil ocorre desde a fase oral até a fase fálica, e que o mesmo deve ser acompanhado pelo desenvolvimento afetivo no âmbito da criança.

As teorias de Freud e Lacan corroboram sobre a agressividade como parte característica do Eu e na constituição de sua relação com os objetos. Ela poderia então ser sublimada, pois o ser humano conta com o poder da palavra como objeto mediador. Lacan ainda propôs uma nova clínica, diferente entre psicose e neurose, com uma noção de intenção e tendência agressiva, nesta nova perspectiva, a psicanalista vê o acontecimento agressivo como uma intenção da neurose (Gagliotto et al., 2012).

As considerações teóricas de Freud sobre a agressão sempre foram de que ela é uma fonte instintiva e pulsional, ela se desenvolveu a partir da descoberta, no início de seus estudos, dos impulsos sexuais da infância, que tinham por características uma incompatibilidade entre a pulsão sexual e a de auto conservação. Tempos depois ele apresentou fatos clínicos que não se explicavam por essa dualidade, trocando-a pela dualidade libido de objeto X libido do ego. O ego desenvolvida um apego libidinal por um objeto, transformando este em algo amado pelo indivíduo. O narcisismo traz ao psicanalista uma nova forma de pensar sobre sua primeira Teoria das Pulsões, pois ao tomar a si mesmo como objeto amado, o ego não fica em oposição à libido (Krticka, 2013).

Depois da Primeira Guerra, Freud inclui em sua teoria novas divisões de pulsão: a de vida e a de morte, sendo assim a agressividade e destrutividade nos seres humanos só passou a ser reconhecida depois deste evento. Tendo em vista que o princípio do prazer não explicaria a busca por estas situações, o psicanalista reconhece a pulsão de morte, passando a definir esta pulsão como “um impulso próprio à vida orgânica, que tende a restaurar um estado anterior das coisas.” (Freud, 1920, p. 56 citado por Krticka, 2013)

Sendo assim, para definir as situações de repetição do desprazer, Freud usa a “metáfora do território invadido”, definindo que uma situação psíquica se vê a favor de forças pulsionais que colocam o sujeito nestas circunstâncias. A compulsão a este despeito mostra como a força própria de um princípio vai além do princípio do prazer, quando se tem um objeto reproduzindo constantemente situações de desprazer (Krticka, 2013).



Os desprazeres na vida dos indivíduos são acontecimentos indiscutíveis e posicionam a existência das forças pulsionais, o que leva Freud à frende daquilo que depois será nomeado como: além do princípio do prazer. Uma particularidade das pulsões é a da repetição, que leva o organismo, reproduzido, a um estado anterior. Sendo assim, o prazer perde sua posição e os problemas de agressividade ficam em primeiro plano, visto que uma redoma mitológica toma conta das pulsões e sua origem passa a estar no id (Krticka, 2013).

Depois de Freud, Melanie Klein foi a primeira a desenvolver uma teoria embasada nos conceitos das relações objetais internalizadas, sua temática corrobora com a teoria da dualidade das pulsões, que propõe que tanto a pulsão da vida quanto a da morte estão próximas do ser humano desde o nascimento, portanto a agressividade seria inata, uma manifestação da pulsão de morte, que desempenha um papel essencial na luta pela sobrevivência (Krticka, 2013).

A resposta à uma agressão não pode ser outra, mas outros tipos de atitude devem ser tomados por meio de reflexão e entendimento da situação. A criança tem capacidade psicológica de compreender e de sentir o que a outra pessoa sente, se tratada de forma com que ela compreenda. Os programas de prevenção e intervenção escolares devem estar pautados neste conhecimento e também devem contar com o fator tolerância com estas crianças, levando em consideração as características dos contextos aos quais a criança está se desenvolvendo. A comunicação e o afeto são imprescindíveis no contexto escolar, pois transformam as relações interpessoais (Krticka, 2013).

O ambiente no qual a criança este inserida deve ser alvo de avaliação, quando a criança tem confiança no ambiente escolar, a agressividade pode estar ligada a fatores externos ao da escola, como por exemplo: violência sexual em casa e/ou na comunidade, pois nestes lugares a criança não consegue reagir. Quando elas saem desta atmosfera hostil e são colocadas em um plano, no qual elas se sentem superiores ao colega ou num local onde possam exercer sua liderança, a tendência é de que elas reproduzam o que sofreram no ambiente anterior (Lima e Cunha, 2017)

Sendo assim, o professor sente-se sozinho na luta por manter a autoridade no exercício de sua profissão, o sistema já não lhe garante sustentação e em consequência disso, a agressividade aparece nas escolas, resultado de uma resistência à falta de limites simbólicos essenciais ao aprendizado e ao crescimento humano. São três as naturezas destes fatores:

- Imaginária direcionada ao professor, no modo de pequenos ataques que o incapacitam, numa agressividade pequena e cotidiana;
- No sentido real, próxima da ação psicótica, na qual não há sentido para os atos, com exemplo da depredação pura e simples;
- No sentido simbólico, na tentativa de restaurar a figura da autoridade perdida, que é o que mais acontece em contextos escolares dirigidos pela lei de marginais (Krticka, 2013).



A violência dentro das instituições educacionais só ganhou a devida preocupação no final dos anos 1990, antes disso ela era considerada um fenômeno atípico ou um mero exagero dos meios de comunicação. Hoje, a agressividade é vista com outros olhos, vários são os estudiosos que abordam o tema, visto que, esta situação vem causando inquietações nos educandários, que são desafiados todos os dias pelos atos transgressivos, pequenos e grandes delitos, sem contar com a insegurança sobre as situações de risco a integridade física dos alunos e profissionais da educação (Castro, 2010).

Outro fator que deve chamar a atenção dos cuidadores são que crianças com dificuldades de concentração estão a todo tempo chamando a atenção, por meio da agressividade, o que deve resultar em um trabalho diferenciado com os mesmos, antes mesmo das atividades de aprendizagem formal. Também deve-se voltar o olhar para cuidar-se de quem cuida, os educadores quando não são bem apoiados em suas atividades e solução de problemas como a agressividade infantil, acabam por adoecerem. Isso provoca um distanciamento emocional do profissional, levando a falta de criatividade na realização de seus trabalhos e na rigidez excessiva, tais fatores foram comprovados em pesquisas que relatam as dificuldades sofridas por professores de uma escola pública que cansados de lutarem e sem forças para continuar devolveram aos alunos a carga de agressividade recebida em classe através de uma postura indiferente ou punitiva, que não favorece o diálogo com seus alunos (Castro, 2010)

Sendo assim, a escola não deve estabelecer nenhum juízo de valor diante dos atos de agressividade e violência das crianças, ela deve primeiro procurar saber o que acontece com aquele indivíduo, e auxiliá-lo no que for necessário para que o mesmo possa melhorar, lembrando que se há alguma atitude antissocial por parte da criança, isso quer dizer que algo não vai bem com ela. É necessário cultivar a amizade, acolhimento e comunicação. Pode ser trabalhado aspectos psicológicos, utilizando-se o viés psicanalítico (Lima e Cunha, 2017)

A psicanálise pode auxiliar a educação no que tange a criação de espaços mais humanizados e únicos para o crescimento integral dos indivíduos, auxiliando na relação do educandário com a família e o meio social, proporcionando, algo além dos conteúdos programáticos (Lima e Cunha, 2017)

Dentro desta perspectiva o psicólogo torna-se um dos profissionais habilitados para auxiliar na prevenção da agressividade infantil, devido a sua estreita relação com a compreensão do ser humano. Ele pode atuar em defesa da criança e propor ações que promovam o desenvolvimento social e familiar das mesmas (Silva e Melo, 2018)

A psicanalista Winnicott, em sua obra "Privação e Delinquência", associa o comportamento antissocial às privações sofridas pelos indivíduos e estes levam a violência e agressividade no meio escolar. Sendo assim, elas podem ser consideradas como resultado da



ansiedade, que surge quando o desejo de destruir tem como alvo a pessoa amada (Lima e Cunha, 2017).

Portanto, o meio no qual a criança está inserida influencia diretamente no seu processo de desenvolvimento e amadurecimento, sendo possível apontar as causas da violência e agressividade no meio escolar. O estado de uma pessoa hoje, deve ser repensado, visto que as influências sofridas por ela pelo meio tiveram grande impacto em seu desenvolvimento e amadurecimento, levando-a a ser o indivíduo atual (Lima e Cunha, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É em meio a um ambiente sustentável, o qual possa lhe transmitir confiança, que crianças e adolescentes possam aguentar pressão, a mobilidade e a raiva de uma moradia desestruturada, é que eles seguem buscando uma compensação para todos esses sentimentos de frustração. Assim, parte de um processo que desencadeia dos pais para a moradia, desta moradia para a vizinhança, partindo para a escola e finalizando na sociedade. Esse sentimento destrutivo vem da expressão de um processo de privação e controle que esse indivíduo sofre desde o nascimento e por toda a vida.

Através de uma conduta antissocial, agressiva e violenta, crianças e adolescentes buscam um reequilíbrio ambiental, no qual possam readquirir segurança e resolver seus medos, sua ansiedade e até mesmo traumas. Pois, o lugar onde crianças e adolescentes praticam seus atos é justamente o local no qual esses jovens têm confiança e segurança, muitas vezes os jovens se apropriam da vulnerabilidade de outros para poderem ter condições de cometer atos violentos, agressão, furto e vários outros.

A psicanálise afirma que a criança precisa de um ambiente favorável para que possa se concretizar saudável e plena, levando-o ao amadurecimento e adaptações satisfatórias.

A intervenção dos conflitos originados através da violência e agressividade no âmbito escolar, entre vários outros problemas, e também a análise de práticas de educação com bases psicanalíticas, levam para o educador um leque de possibilidades de atuação em sua sala de aula. Conclui-se através deste estudo que no momento em que um pedagogo conhece a psicanálise ao longo do seu processo acadêmico, está o possibilita a aplicar corretamente determinadas teorias na prática, o que poderia corresponder a uma teoria imposta por um imaginário, apoiando-se, assim, em referências que o guiam no processo de análise e mediações de situações de conflito.



4 REFERÊNCIAS

- Castro, R. (2010) Incivilidade: a violência invisível nas escolas. *Revista Polêm!ca*, 9(2), 105-113.
- Evangelista, A. L. F. & Amaral, A. F. (2017). Atuação do psicólogo escolar na rede pública de ensino, da teoria à prática: uma revisão bibliográfica conceitual. *Psicologia e Saúde em Debate*, 3(2), 62-73.
- Friedmann, A. (1996). *Brincar: crescer e aprender – O resgate do jogo infantil*. São Paulo: Moderna.
- Gagliotto, G. M., Berté, R. & Vale, G. V. (2012). Agressividade da Criança no espaço escolar: uma abordagem psicanalítica. *Revista Reflexão e Ação*, 20(1), 144-160.
- Krticka, E. B. (2013). *Comportamento agressivo da criança na escola e sua relação com a violência doméstica*. Psicologado. Recuperado em 09 agosto, 2018 de <https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-umano/comportamento-agressivo-da-crianca-na-escola-e-sua-relacao-com-a-violencia-domestica>.
- Lima, M. M. P., & Cunha JR, A. S. (2017). Psicanálise e educação na perspectiva Winnicotiana: um entrelaçamento importante nos casos de mediação da agressividade e violência no ambiente escolar. *C&D- Revista Eletrônica da FAINOR*, 10(2), 200-221. Recuperado em 18 maio, 2018, de <http://srv02.fainor.com.br/revista/index.php/memorias/article/view/654/343>
- Moura, S. G. & Barreira M. M. L. (2017). Agressividade infantil no contexto escolar: contribuições do psicólogo par a formação de professores. *Revista Humanidades*, 32(2), 236-249. Recuperado em 19 agostos, 2018, de <http://periodicos.unifor.br/rh/article/viewFile/7480/5551>
- Pietro, P. P. & Jaeger, F. P. (2008). Agressividade na infância: análise psicanalítica. *Revista Visão Global*, 11(2), 217-238.
- Santos, E. F. (2008). Agressividade Infantil: possíveis causas e consequências. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia*, 6(11), 10-21. Recuperado em 22 julho, 2018, de http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/_2013-5-13-12-34-40.pdf
- Silva, J. C. T. & Melo, S. C. A. (2018). Violência infantil: atuação do psicólogo no processo de auxílio a criança. *Psicologia e Saúde em Debate*, 4(1), 61-84.
- Souza, M. A. & Castro, R. E. F. (2008). Agressividade Infantil no ambiente escolar: concepções e atitudes do professor. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 837-845. Recuperado em 08 julho, 2018, de <http://www.scielo.br/pdf/pe/v13n4/v13n4a22>.
- Souza, M. A., Soldatelli, M. I. S., & Lopes, A. R. (1997). Psicodinamismo familiar de crianças agressivas. *Anais do I Congresso de Psicologia Clínica do Mackenzie* (pp. 61-64). São Paulo.